

Pobreza e Localismo: Comparações entre São Paulo e Salvador

Graziela Castello e Eduardo Marques¹

Este artigo analisa redes pessoais de indivíduos em situação de pobreza em São Paulo e Salvador. Análises anteriores realizadas por nós indicaram que indivíduos em situação de pobreza tendem a ter redes pessoais mais locais do que pessoas não pobres. Elevado localismo ocorre quando o indivíduo estabelece relações em grande parte com pessoas que residem próximo a ele. Essa situação relacional amplia as dificuldades em acessar diferentes recursos, já que redes locais tendem a conectar indivíduos similares a um dado ego. Entretanto, informações recente referentes a Salvador sugerem dinâmicas de localismo distintas nas duas cidades analisadas, apesar das similaridades gerais nas redes, com consequências nos atributos associados ao localismo. Esse trabalho explora essas evidências, associando-as aos processos mais gerais de reprodução da desigualdade social e da pobreza.

Introdução

O período recente tem sido pródigo de referências a redes sociais na investigação dos mais variados fenômenos. Como se sabe, redes pessoais são representações dos padrões de interação social dos indivíduos em suas atividades cotidianas. Também no caso da pobreza, as referências às redes são relativamente comuns, embora digam respeito muitas vezes à idéia de que 'relações importam', mais do que à consideração específica dos efeitos de determinadas características dos padrões de relação sobre as condições de

¹ Graziela Castello é mestranda do IFCH/Unicamp e pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole (CEM/Cebrap) e Eduardo Marques é professor livre-docente do Departamento de Ciência Política da USP e pesquisador do Centro de Estudos da Metrópole (CEM/Cebrap).

vida em geral, ou de pobreza em especial. O presente artigo dá continuidade à agenda de pesquisa sobre o tema que vem tentando precisar tais efeitos através do estudo sistemático das redes e da sociabilidade de indivíduos em situação de pobreza.

Em estudos anteriores, como Marques (2010), analisamos as redes de indivíduos em situação de pobreza em São Paulo utilizando ferramentas quantitativas e qualitativas. A pesquisa trouxe vários achados, que serão recuperados de forma sumarizada mais adiante nesse texto. Em período recente, continuamos o esforço acrescentando casos da cidade de Salvador, caracterizada por condições urbanas, mercado de trabalho, formas de pobreza e padrões de sociabilidade muito distintos. A análise dos dados indicou que apesar dessas diferenças, as redes das duas cidades tendem a ser relativamente similares, e parecem variar entorno das mesmas dimensões, como também veremos mais adiante (Marques et al., 2010). Uma das diferenças importantes entre os padrões relacionais encontrados nas duas metrópoles, entretanto, jaz no localismo das redes. Por localismo nos referimos à proporção, em uma dada rede, de contatos com pessoas que habitam o mesmo local de moradia, conforme definido pelos próprios entrevistados. Os resultados anteriores referentes a São Paulo já tinham indicado a presença de elevado localismo como uma dimensão importante na diferenciação entre as redes de indivíduos em situação de pobreza e de classe média, mas a comparação com Salvador sugere que o localismo também varia substancialmente entre os pobres. Analisar as diferenças entre as duas cidades no que diz respeito a essa importante dimensão das redes é o objeto desse artigo.

O artigo é composto de quatro partes, além dessa introdução e da conclusão. Na primeira seção, defendemos o estudo das redes para a análise da pobreza e delimitamos conceitualmente as redes sociais e pessoais. A segunda seção apresenta as técnicas de pesquisa utilizadas e sumariza os resultados alcançados até o momento. A terceira parte apresenta as principais características descritivas relacionadas com o localismo e a quarta explora as associações entre localismo e outros atributos sociais, econômicos e espaciais, discutindo as regularidades que cercam as redes mais locais.

1. As Redes sociais e a pobreza

Indivíduos em situação de pobreza possuem diversos constrangimentos em relação a sua capacidade de acessar diferentes recursos: materiais, imateriais, físicos, espaciais, etc. Uma estratégia possível para melhor compreendermos a capacidade de indivíduos pobres em acessá-los trata dos padrões de relações que esses indivíduos possuem e nos quais se inserem. Tais padrões conformam redes que são ao mesmo tempo intensamente dinâmicas – pois laços estão sendo quebrados e reconstituídos a todo o momento – e estruturados por padrões de conexões - pela presença e ausência de vínculos, pela frequência e força diferenciadas dos contatos, etc.

O estudo das redes tem sido uma constante na literatura internacional para investigar fenômenos sociais diversos, desde a mobilização política em movimentos sociais ou por partidos políticos (Mische, 2008; Hedstrom et al., 2000) até a ações e a estrutura de relações formais e informais entre elites políticas e econômicas (Misruchi e Schwartz, 1987; Heinz et al. 1997, Kadushin, 1995) e a estruturação de campos de políticas públicas (Knoke et al., 1996), entre muitos outros temas. Um outro conjunto significativo de trabalhos têm analisado as chamadas redes pessoais - centradas em um dado indivíduo -, estudando em especial a sociabilidade de diversos grupos sociais para compreender como se conformam e transformam laços sociais (Bidart e Lanevu, 2005; Degenne, 2009; Grosseti, 2009) e suas consequências para fenômenos como integração social, imigração e apoio social (Campbel e Lee, 1992; Jariego, 2002; Ferrand, 2002). No caso brasileiro, a maior parte dos estudos que dialogam com este artigo têm se concentrado no estudo de políticas públicas urbanas ou localizadas espacialmente (Marques, 2000 e 2003 e Lotta, 2010), assim como no entorno da ação estatal, explorando suas interações com usuários e demandantes de políticas e com as comunidades por elas impactadas (Pavez, 2008; Soares, 2009). Além desses, merecem menção obviamente os estudos realizados no interior da linha de investigação em que se inscreve este artigo e discutidos resumidamente na próxima seção.

No caso específico da pobreza, como tais redes mediam o acesso a recursos materiais e imateriais, contribuem de forma destacada para a

reprodução das condições de privação e da desigualdade social. Portanto, analisar a diversidade de tais redes, assim como a sua mobilização cotidiana diferenciada entre indivíduos e em diferentes momentos, representa uma chave importante para melhor compreendermos a pobreza. Nesse sentido, a integração das redes ao estudo da pobreza pode permitir a construção de análises que escapem dos pólos analíticos da responsabilização individual do pobre por sua pobreza, assim como de análises sistêmicas que foquem apenas nos macro-processos e constrangimentos estruturais que cercam o fenômeno. A literatura brasileira sobre o tema tem sido marcada por uma oposição entre enfoques centrados nesses dois campos, embora os últimos anos tenham assistido a uma clara hegemonia dos estudos baseados em atributos e ações individuais para a explicação da pobreza. Parece-nos evidente que tanto constrangimentos e processos supra-individuais (incluindo os econômicos) quanto estratégias e credenciais dos indivíduos importam para a constituição e a reprodução de situações de pobreza. Entretanto, essas devem ser analisadas no cotidiano dos indivíduos, de forma a compreendamos de que formas mediam o seu acesso a mercados, ao Estado e às trocas sociais que provêm bem-estar (Esping-Andersen, 2000).

Já é relativamente vasta a literatura que conecta pobreza e redes sociais no âmbito de estudos internacionais. De uma forma geral, o tema representou um desdobramento da agenda de estudos de segregação urbana, sendo analisado tanto de forma quantitativa como em Briggs (2005), Small (2007) e Ferrand (2002) como qualitativamente como em Small (2009) Sako e Murie (2002) e Blokland e Savage (2008). Em termos gerais, representou uma forma de precisar e testar vários dos elementos levantados pioneiramente por Wilson (1987) conectando aumento da pobreza com elevação do isolamento social e espacial nos guetos negros americanos em período recente. A utilização das redes permitiria separar analiticamente (e testar separadamente) os efeitos dos dois tipos de isolamento.

A presente pesquisa também tem origem nesse tipo de preocupação. Desenvolvemos coletivamente no Centro de Estudos da Metrópole diversos estudos sobre a associação entre pobreza e segregação em registro mais tradicional (Marques e Torres, 2005; CEM/PMSP, 2004), chegando ao

resultado que a segregação tendia a ter um efeito negativo sobre a pobreza independente do de outras dimensões sociais – indivíduos igualmente pobres mas submetidos diferentemente à segregação tendiam a ter condições sociais distintas, sendo o piores para o mais segregado. Entretanto, o efeito de isolamento da segregação em si poderia ser combatido, para determinados indivíduos, por suas redes sociais, que poderiam conectá-los ‘por sobre o território’. Por essa razão, decidimos desenvolver uma pesquisa que analisasse simultaneamente os efeitos das redes sociais e das redes sobre a pobreza.

2. Resultados anteriores

Esse esforço de pesquisa foi iniciado com uma investigação das redes pessoais de indivíduos pobres que habitam sete diferentes locais na região metropolitana de São Paulo segundo o seu grau de segregação. O trabalho de campo foi realizado em 2006 e 2007 e teve seus resultados publicados em Marques (2010). Esse artigo acrescenta às redes de São Paulo casos de indivíduos em situação de pobreza habitantes da cidade de Salvador investigados em 2009, totalizando 362 redes (209 em São Paulo e 153 em Salvador), além de 30 redes de classe média utilizadas como parâmetro de comparação. A pesquisa envolveu redes pessoais, considerando o conjunto da sociabilidade dos indivíduos, ao invés de redes egocentradas (quando se considera apenas os contatos primários do ego e as relações entre estes) ou redes das comunidades em que habitam.

Algumas decisões de método utilizadas nos dois trabalhos de campo merecem menção. Em primeiro lugar é necessário diferenciar conceitualmente localismo e segregação. Localismo é uma característica das redes, medindo de forma contínua ou discreta a proporção dos contatos de uma dada rede que habita o mesmo local de moradia. Em termos mais técnicos, trata-se de um tipo de homofilia – de local de moradia. Essa é completamente distinta da segregação. Segregação diz respeito aos padrões espaciais que separam grupos sociais em áreas de residência distintas e socialmente homogêneas em termos relativos. Diz respeito, portanto, ao espaço onde residem os indivíduos e não às redes, podendo existir indivíduos com redes de alto e baixo localismo tanto em locais segregados quanto não segregados. É claro que sob o ponto

de vista de pensarmos o isolamento social, a situação de alto localismo em locais segregados tende a indicar maior isolamento, enquanto a situação de baixo localismo em locais não segregados de maior integração social potencial. As duas outras situações se situam de forma intermediária. Os dados de São Paulo indicaram a relevância de ambas as dimensões, mas sugeriram que elas devem ser entendidas de forma associada aos tipos de redes e à variabilidade da sociabilidade dos indivíduos, constituindo várias combinações com resultados diversos (Marques, 2010). São essas combinações que especificam as condições de isolamento social em contextos distintos. A introdução do caso de Salvador nos permite explorar de maneiras novas essas diferenças, sendo essa a motivação do presente trabalho.

Para o desenvolvimento do estudo, escolhemos locais de moradia que nos interessavam pela elevada concentração de pobreza, indicada pelos resultados de estudos anteriores (CEM, 2004 e Carvalho e Pereira, 2006), e por sua localização na cidade. Partimos de material coletado em entrevistas semi-estruturadas utilizando um questionário biográfico aberto e um gerador de nomes². Ao longo das conversas, os entrevistados foram instados a fornecer atributos de si mesmos, dados relacionais, mas também certos atributos de cada contato da rede, em especial se o contato era do mesmo local de moradia e em que esfera de sociabilidade aconteciam usualmente os encontros. As informações relativas a localismo e esfera de sociabilidade, portanto, são de natureza cognitiva e dizem respeito à forma pela qual os indivíduos entendem sua sociabilidade. As entrevistas foram feitas com indivíduos escolhidos ao longo de percursos nos locais de moradia, tanto em dias de semana quanto em fins de semana, sendo essa amostra controlada por atributos básicos como sexo, idade, status empregatício e estrutura familiar, mas sem recorrermos a técnicas estatísticas de amostragem, já que não pretendíamos produzir uma amostra representativa estatisticamente, mas explorar a variabilidade das situações em um desenho de pesquisa de estudo de caso. Após o tratamento e a análise dos dados quantitativos, voltamos ao campo em cada caso para realizar um conjunto de entrevistas qualitativas com indivíduos escolhidos

² Para maiores detalhes técnicos e da metodologia, ver Marques (2010).

segundo seus tipos de redes e de sociabilidade. A parte qualitativa da pesquisa envolveu 20 entrevistas em São Paulo e 23 em Salvador.

A análise anterior relativa apenas ao caso de São Paulo utilizando tanto ferramentas de análise de redes quanto pesquisa qualitativa, indicou que indivíduos em situação de pobreza tendem a ter redes pessoais mais locais do que pessoas de classe média, assim como redes menores e com menor variabilidade da sociabilidade, sendo esta mais comumente concentrada em esferas primárias de relação (Marques, 2010). De uma forma geral, os dados indicaram que as piores condições sociais estão associadas às redes mais locais e mais concentradas em esferas de sociabilidade primárias – família, vizinhança e amizades -, assim como pouco variadas em termos de esferas de sociabilidade. Indivíduos pobres nessas condições tendiam, em média, a estar empregados menos frequentemente, a ter trabalhos mais precários, a estar mais comumente em situação de vulnerabilidade social e a ter renda menor. Interpretamos essa evidência como associando piores condições sociais a maior presença de homofilia – a elevada presença proporcional de indivíduos socialmente similares ao ego (McPherson et al., 2001).

A parte qualitativa da pesquisa confirmou essa interpretação, indicando que indivíduos com padrão de sociabilidade mais homofílico têm acesso mais restrito a informações, repertórios, bens e serviços que permitem atenuar as situações de pobreza e auxiliar processos de melhora de vida e mobilidade social. É interessante assinalar que esse padrão geral foi confirmado também por survey sobre redes egocentradas realizado recentemente para o conjunto da população do Rio de Janeiro e de São Paulo (Marques e Bichir, 2010), no que diz respeito à homofilia e ao localismo. No caso deste survey, além disso, encontramos evidências de que esses mesmos princípios organizam as redes de indivíduos não pobres.

Melhor compreender a dinâmica do alto localismo, portanto, é uma tarefa prioritária para analisar o efeito dos padrões relacionais sobre as condições de vida. A identificação desse “alto localismo” sugere um tipo de sociabilidade que amplia as dificuldades dos indivíduos em situação de pobreza em acessar diferentes recursos, dado que suas relações pessoais se concentram em

pessoas com condições sociais muito semelhantes e com circulação de informação muito redundante.

Como já dissemos, os resultados de São Paulo indicaram que indivíduos mais pobres tendem a ter redes mais locais. As informações referentes a Salvador confirmaram esse achado, indicando redes ainda mais locais, associadas em especial ao maior grau de consolidação dos bairros e à menor migração intra-urbana. Entretanto, como veremos a seguir, mostraram a associação do localismo com outros processos sociais e atributos individuais, sugerindo a presença de dinâmicas de localismo distintas nas duas cidades analisadas, apesar das grandes similaridades nas demais características das redes e da sociabilidade. Essas diferenças no localismo nos fornecem um excelente caso para explorar as consequências diferenciadas de tipos diferentes de homofilia sobre atributos individuais e relacionais. Esse trabalho explora essas evidências, associando-as aos processos mais gerais de reprodução da desigualdade social e da pobreza.

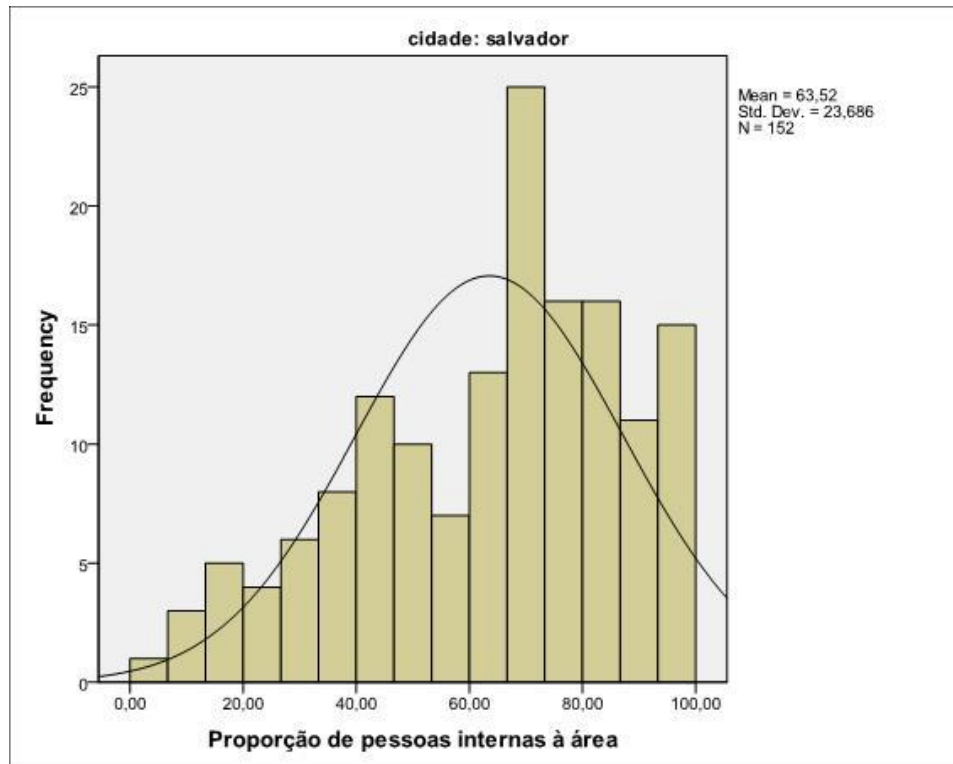
3. Localismo em São Paulo e Salvador – Algumas descrições básicas

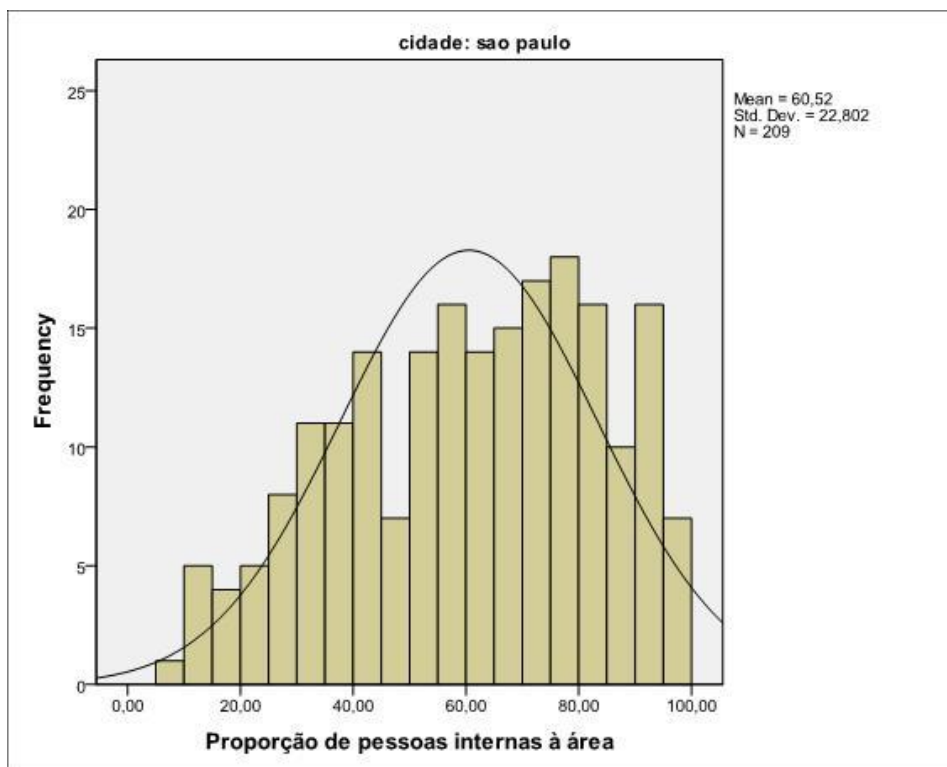
Embora seja lógico considerar, como apresentado anteriormente, que o localismo reforça o isolamento social de grupos com alta vulnerabilidade, diferenciando inclusive os pobres, a análise comparativa de São Paulo e Salvador nos traz resultados interessantes sobre as características relacionadas à existência do localismo nas duas cidades. Assim, a análise que se segue explorará quantitativamente de que forma as situações de alto localismo se associam com outros atributos e processos sociais nas duas cidades comparativamente, tentando explorar as diversas maneiras pelas quais se conforma o isolamento social, em situações urbanas e sociais distintas.

Antes disso, entretanto, é importante que comparemos a simples presença do localismo nestas cidades e entre diferentes grupos sociais. O localismo médio nas redes de indivíduos em situação de pobreza em São Paulo é um pouco menor do que em Salvador - 60,5% contra 63,5%, respectivamente, mas a diferença não é significativa estatisticamente. Apesar dessa relativa semelhança, as distribuições do localismo são diferentes nas

duas cidades, sendo situações de localismo mais alto mais freqüentes em Salvador, como se pode observar na comparação entre os histogramas a seguir. A mediana em São Paulo é de 63,6% contra 68,8% em Salvador.

Gráfico 1: Histogramas do localismo por Cidade.





Fonte: Entrevistas e trabalho de campo.

Apenas para termos um parâmetro externo, vale registrar que o localismo médio entre a classe média é de 18,0% e a mediana de 12,2%. Nesse sentido, os dados da pesquisa indicaram a quase irrelevância da vizinhança como esfera de sociabilidade para a classe média. Por outro lado, apesar das semelhanças, podemos ver nos histogramas que São Paulo apresenta uma maior proporção de casos com baixo localismo e Salvador uma maior presença relativa de casos com alto localismo - para isso basta comparar a presença nos gráficos de casos com 70% ou mais de localismo. Mesmo assim, a presença de alto localismo é bastante grande entre as pessoas em situação de pobreza nas duas cidades. Antes de explorarmos mais a fundo o localismo, podemos analisar também a estrutura das redes pessoais de nossa amostra para compreender algumas características estruturais gerais das redes que são indícios da presença do localismo.

Tabela 1: Características gerais das redes pessoas por cidade de classe social

Classe e Cidade		Total de nós na rede	Total de vínculos (/2)	Total Esferas Sociabilidade	% Vínculos Sociabilidade Primária	% Vínculos Sociabilidade Institucional
Pobres - São	Média	52,53	53,48	3,84	77,17	22,83
	N	209	209	209	209	209

Paulo	Desvio Padrão	29,56	36,99	1,18	19,91	19,91
Pobres - Salvador	Média	40,74	74,7	3,47	79,31	17,12
	N	152	152	152	152	152
	Desvio Padrão	26,81	53,46	1,04	15,32	15,42
Classe Média	Média	93,0	91,55	5,50	54,58	45,42
	N	30	30	30	30	30
	Desvio Padrão	52	55,46	2,60	21,33	21,33
Total	Média	51,05	64,65	3,82	76,27	22,34
	N	391	391	391	391	391
	Desvio Padrão	33,52	47,19	1,39	19,40	19,72

Fonte: Entrevistas e trabalho de campo.

Observando a tabela acima é possível destacar as grandes diferenças nas redes pessoais dos indivíduos de classe média, em relação aos pobres (tanto de São Paulo como de Salvador). Indivíduos de classe média tendem a ter redes maiores, tanto em relação ao total de vínculos quanto em relação ao total de nós. Apresentam médias muito superiores ao total de esferas de sociabilidade que possuem (5,50) e proporcionalmente apresentam mais vínculos em esferas de sociabilidade institucional (como trabalho, estudos, igreja e associativismo) que os indivíduos em situação de pobreza. Evidentemente, o mesmo ocorre quando se considera esferas primárias de sociabilidade (família, vizinhança e amigos) - os indivíduos pobres de São Paulo e Salvador apresentam em média 77,37% e 79,31%, respectivamente, enquanto entre indivíduos de classe média a proporção média desse tipo de vínculo é de 54,58%.

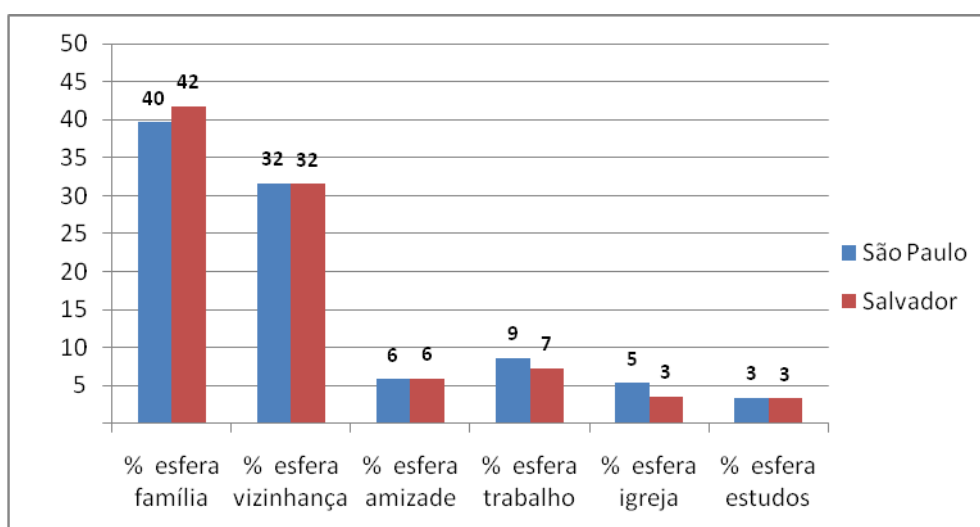
Para além das enormes diferenças entre pessoas em situação de pobreza e os indivíduos de classe média, os dados acima também apresentam algumas distinções interessantes quando comparamos os pobres das cidades de São Paulo e Salvador.³ Os pobres em São Paulo apresentam em média redes pessoais com maior número de nós, maior número de esferas e maior número de vínculos nas esferas de sociabilidade institucional que os pobres de Salvador. Já os pobres de Salvador, apesar de apresentarem média muito mais baixa em relação ao total de nós quando comparados aos pobres de São

³ Todas as distinções reportadas entre cidades, mesmo que por vezes de pequeno tamanho, são representativas estatisticamente a 99% de significância.

Paulo, apresentam redes pessoais com médias superiores em relação ao número de vínculos.

Ainda assim, entender a presença do localismo passa também pela compreensão das esferas de sociabilidade dos indivíduos em situação de pobreza. Poderíamos assumir que alto localismo seja apenas reflexo de sociabilidades que são produzidas fundamentalmente nos vínculos estabelecidos com vizinhos e com famílias concentradas em uma comunidade, característica muito mais presente entre pobres do que entre indivíduos de classe média – temos, por exemplo, que em média 5,5% das relações dos indivíduos de classe média são com vizinhos, enquanto entre os pobres, tanto de São Paulo quanto de Salvador, a média é de aproximadamente 32%. Contudo, essa simples assunção nos diz poucos em relação apenas aos pobres, já que outras esferas do cotidiano desses indivíduos (como trabalho, estudos ou igreja, por exemplo) também têm efeito (independente da direção) na presença do localismo nas redes pessoais. Para testar essa possível explicação da diferença entre as duas cidade, o Gráfico a seguir apresenta a distribuição proporcional dos vínculos por tipo de esfera de sociabilidade em cada cidade. A partir desse momento, os resultados são apresentados apenas para os pobres, diferenciando as duas cidades.

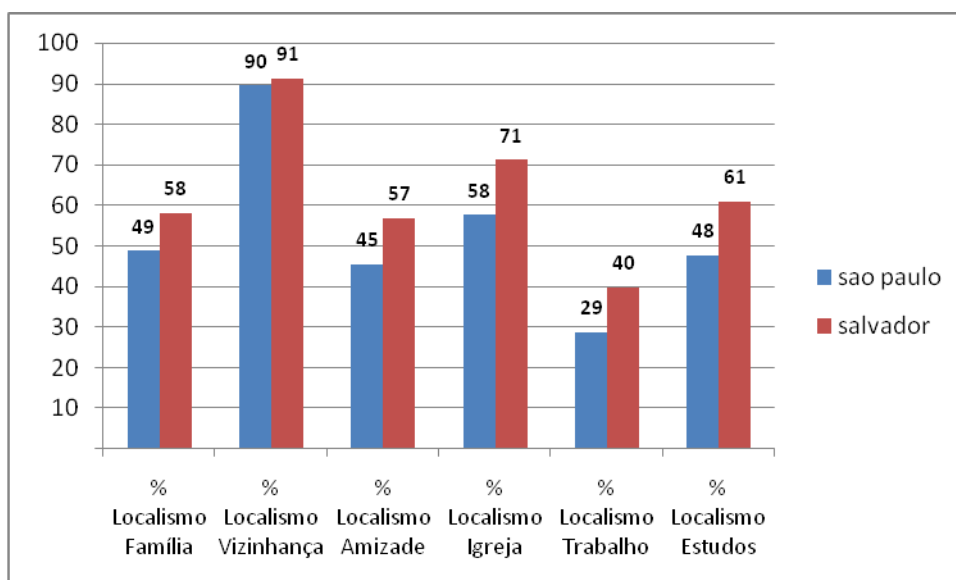
Gráfico 2: Proporção média de vínculos nas principais esferas de sociabilidade



Fonte: Entrevistas e trabalho de campo.

Como vemos, a distribuição do número de vínculos nas diferentes e principais esferas de sociabilidade dos indivíduos é bastante similar nas duas cidades, sendo muito próxima no que diz respeito à família e idêntica para os vizinhos e para os amigos. Sendo assim, cabe a pergunta: será que a presença do localismo está presente em diferentes esferas da mesma forma nas duas cidades? O Gráfico a seguir apresenta essa informação.

Gráfico 3: Proporção média de vínculos locais nas principais esferas de sociabilidade.



Fonte: Entrevistas e trabalho de campo.

O gráfico confirma em primeiro lugar que o localismo é mais forte em Salvador em todas as esferas de sociabilidade. Vizinhaça se associa por

definição ao localismo, então, não encontramos variação significativa entre as duas cidades⁴. No caso da família, as cidades diferem um pouco - em Salvador a média de vínculos locais na esfera família é 9% maior que em São Paulo. Para as amigas, o localismo também tende a se fazer muito mais presente em Salvador do que em São Paulo, sendo a diferença ainda maior - 12%. Contudo, as diferenças entre as duas cidades tendem a ser mais significativas e sistemáticas nas esferas que caracterizam sociabilidades que acontecem em ambientes institucionais: igreja, trabalho e estudos. Proporcionalmente os vínculos dos indivíduos em Salvador são mais locais que os dos paulistanos em esferas de sociabilidade institucional - em Salvador a média de vínculos com pessoas do mesmo bairro na esfera trabalho é 11% maior que em São Paulo e nas esferas estudos e igreja é 13% maior que em São Paulo.

Portanto, em Salvador o localismo atinge com maior frequência as diferentes esferas de sociabilidade da vida dos indivíduos, mas o faz com maior intensidade nas esferas onde a homofilia potencial é menor. Nesse sentido, apesar dos efeitos de localismo serem perversos e bastante similares nas duas cidades, as características relacionadas ao localismo nas duas cidades parecem não estar condicionadas necessariamente a fatores similares, o que faz necessária a compreensão de quais características estão associadas ao localismo nas duas metrópoles.

4. Atributos associados ao Localismo

Para entender o significado de redes locais no cotidiano dos indivíduos em situação de pobreza, analisaremos agora quais aspectos sociais e econômicos têm relação com o fato dos indivíduos terem ou não rede com localismo, tanto em termos de acesso ao mercado de trabalho quanto de características sociais e outras relativas à sociabilidade dos indivíduos. Não defendemos a existência de relações de causalidade unívoca ou direta entre o localismo e tais dimensões, ou em sentido contrário. Trata-se de investigar os

⁴ A média da proporção dos vínculos na vizinhança que são locais não é igual a 100% nas duas cidades por duas razões. Em primeiro lugar, pois em alguns casos os vínculos foram estabelecidos em uma relação de vizinhança, mas se mantêm mesmo quando as pessoas com as quais os entrevistados se relacionam já não moram no mesmo bairro, ou vice-versa. Em segundo lugar, pois um dado contato pode morar em outro lugar, mas se relaciona com o ego no que ele reconhece como esfera da sua vizinhança. Em ambos os casos, os entrevistados reconhecem esses vínculos como participando da esfera da vizinhança.

correlatos sociais do localismo elevado, inclusive pois várias desses atributos foram construídos de forma paulatina e associada aos processos que construíram o localismo nas redes desses indivíduos ao longo de suas trajetórias de vida. Trata-se de processos de causalidade múltipla nos quais redes e atributos são construídos de forma associada. O acesso aos processos de causalidade no caso de objetos como esse está no estudo dos mecanismos que formam tanto atributos quanto redes, assunto fora escopo do escopo do presente trabalho⁵.

Como estamos interessados em analisar os correlatos sociais do alto localismo, analisamos a sua relação com atributos sociais e econômicos tratando o localismo de forma dicotômica e não mais contínua. Em ambos os casos, situações com localismo superior à média foram consideradas como altas e inferiores a essa forma consideradas como baixas. Entretanto, como as duas cidades têm distribuições diferentes do fenômeno, foram consideradas altas as situações superiores a 60 % em São Paulo e 63% em Salvador. Segundo esse critério, foram classificadas como de alto localismo 49 redes em São Paulo e 57 redes em Salvador, o que representa 23,4% e 37,3% dos casos nas cidades, respectivamente. Os atributos foram associados e testados em relação ao localismo a partir de análises de fatores de risco⁶, neste caso observou-se que variáveis apresentavam correlação positiva ou negativa com o fato dos indivíduos apresentarem redes com alto localismo. Foram testadas diversas variáveis, mas são aqui descritas de maneira detalhada apenas aquelas que apresentaram correlação com significação estatística de 90% ou 95%, representados por 1 ou 2 asteriscos, respectivamente, nas tabelas a seguir.

Foram testadas ao todo 24 variáveis dos mais diferentes tipos: desde variáveis básicas de controle (sexo, estado civil, cor) e outras relativas à inserção do indivíduo no mercado de trabalho até variáveis relativas aos tipos de sociabilidade. Dentre essas, 16 apresentaram correlação significativa com

⁵ Para uma análise dos mecanismos ver Marques (2010).

⁶ Análises de fatores de risco (Risk Ratio Analysis) foram optadas neste caso por serem indicadas a amostras com número de casos baixo. Os fatores são considerados como variáveis independentes — ou fatores de risco — que alteram a probabilidade de um determinado evento acontecer. Neste caso, quais características aumentam ou diminuem a probabilidade de um indivíduo possuir rede pessoal com alto localismo. Crowley e Skocpol, 2001 e Gurza-Lavalle, Houtzager e Castello, 2006 são exemplos trabalhos nas ciências sociais que contaram com análises de fatores de risco.

alto localismo em ao menos uma das duas cidades: 4 variáveis apresentaram correlação com significação estatística apenas em São Paulo, 7 apresentaram correlação com alto localismo com significação estatística apenas em Salvador e 5 apresentaram essa condição em ambas as cidades. Não apresentaram correlação com alto localismo com qualquer significação estatística em qualquer cidade: cor, sexo, ser migrante, ter mais de 60 anos, ter muitos conterrâneos na rede (mais de 21%), baixa ou nenhuma frequência de práticas religiosas, alta frequência de práticas religiosas e participação em associações civis.

Para maior clareza, os resultados foram classificados a seguir segundo temas: i. dimensões sócio-demográficas; ii. trabalho e renda; e iii. sociabilidade e segregação.

i. Dimensões sócio-demográficas

A tabela a seguir apresenta os resultados. Em todos os casos, a primeira coluna apresenta a variável em análise e a segunda indica, para São Paulo, a probabilidade de que uma pessoa com a situação descrita na variável considerada ter alto localismo, contra as pessoas com baixo localismo. A terceira coluna indica a significância estatística. Por exemplo, a tabela indica que os migrantes antigos em São Paulo apresentam probabilidade 17,9% maior de ter redes com alto localismo e o asterisco (na terceira coluna) reporta que esse resultado é significativo para os patamares considerados e pode ser levado em conta na análise. A quarta e a quinta colunas apresentam a informação para os casos de Salvador. Valores dos fatores de risco (RRR) maiores que a unidade indicam relação positiva e maior probabilidade da ocorrência de localismo, enquanto valores menores do que a unidade indicam relação negativa da variável em análise com o localismo.

Tabela 2: Fatores de risco (Relative Risk Ratios- RRR) para dimensões sócio-demográficas

	São Paulo		Salvador	
	Redes Alto Localismo (60-100%)		Redes Alto Localismo (63-100%)	
	<i>RRR</i>	<i>sig</i>	<i>RRR</i>	<i>Sig</i>
É migrante há mais de 10 anos - apenas entre migrantes?	1,179	*	1,249	**
Mora há mais de 10 anos no mesmo bairro?	1,984	**	1,217	**
Tem idade menor ou igual a 21 anos?	1,227		4,364	**
Tem companheiro (estado civil)?	1,293	**	0,877	

Fonte: Entrevistas e trabalho de campo.

Como podemos ver, apresentaram correlação significativa com alto localismo em ambas as cidades 'ser migrante antigo' (ter migrado há mais de 10 anos) e 'morar há mais de 10 anos no mesmo bairro'. Esses resultados relativos à migração antiga, seja regional ou intra-urbana, são intuitivos e confirmados pela literatura sobre o tema, que indica uma conversão paulatina das redes à medida em que ocorre o processo de assimilação dos migrantes aos novos locais de moradia (Jariego, 2002), já que os contatos sociais locais tendem a se intensificar com o tempo de residência. É interessante notar que isso se verifique mesmo em Salvador, que apresenta um padrão completamente diferente no que diz respeito à migração, tendo sido menos um destino final dos fluxos migratórios intra-regionais que caracterizaram o país até a década de 1980 e mais um ponto intermediário daqueles fluxos.

Por outro lado, ser jovem é uma característica que está associada ao localismo apenas em Salvador. Nesta cidade, pessoas com menos de 21 anos possuem 4,3 vezes mais chances de terem redes com alto localismo que pessoas mais velhas. Já em São Paulo, idade apresenta também relação positiva com o localismo, mas não significativa estatisticamente. Considerando a dinâmica da construção de vínculos ao longo das fases da vida, seria de se esperar uma relação significativa e positiva entre juventude e localismo. Em geral se considera que ao longo de sua trajetória de vida os indivíduos passam de padrões de vínculo muito locais e primários (família, vizinhos e amigos) para padrões menos homofílicos através do estudo e das várias fases da vida escolar, crescentemente heterofílicas e distantes geograficamente, do trabalho e de outras atividades da vida adulta. Esse processo tende a se reverter com a

aposentadoria e a chegada de velhice, gerando um trajetória em U invertido no localismo e na presença de vínculos primários⁷.

A situação com relação a estado civil é inversa⁸. Em São Paulo, indivíduos em situação de pobreza que vivem com companheiro possuem propensão maior de ter redes com alto localismo, quando comparados aos que vivem sem companheiros. Estado civil apresentou relação inversa com localismo em Salvador, mas em patamar não significativo. A literatura reporta certa tendência de redução dos contatos como efeito das uniões conjugais, assim como do nascimento de filhos (Bidart e Lavenu, 2005) pela redução do tempo livre e da circulação por diferentes esferas de sociabilidade, mas o efeito só se verificou em São Paulo de forma significativa e no sentido esperado.

ii. Trabalho e Renda

Como podemos ver na tabela a seguir, tanto em São Paulo quanto em Salvador, ser muito pobre (aqui considerados como aqueles que possuem renda domiciliar per capita inferior a $\frac{1}{2}$ salário mínimo) tem correlação significativa com a presença de alto localismo nas redes pessoais. Pessoas nessa condição em São Paulo e Salvador apresentam, respectivamente, 44% e 39% maior propensão a possuírem redes com alto localismo. Se observarmos agora aqueles que possuem extrema pobreza (renda domiciliar inferior de $\frac{1}{4}$ de salário mínimo per capita), chamados aqui de paupérrimos, notamos que apenas em Salvador essa característica apresenta correlação com significação estatística com localismo. Em Salvador pessoas “paupérrimas” possuem 2 vezes mais chances de terem alto localismo em suas redes pessoais. É possível notar também que alto localismo está associado ao acesso a programas de transferência de renda em Salvador com significação estatística, o que pode indicar a boa focalização do programa. Os resultados para São Paulo não são exatamente comparáveis, pois no momento da coleta de dados na metrópole paulistana (2006) os programas ainda não tinham se expandido

Para maiores detalhes ver Marques (2010) e Marques e Bichir (2010).

⁸ Consideramos como estado civil “ter companheiro” a existência de algum tipo de arranjo conjugal reportado pelos entrevistados, independente de legalização da união ou qualquer outro aspecto formal.

de maneira significativa. A associação entre pobreza mais intensa e localismo indicada por várias dessas variáveis, entretanto, reafirma resultados anteriores discutidos em Marques (2010) e confirma a hipótese da associação entre localismo e maior isolamento social já discutida.

Tabela 4: Fatores de risco (Relative Risk Ratios- RRR) para trabalho e renda

	São Paulo		Salvador	
	Redes Alto Localismo (60-100%)		Redes Alto Localismo (63-100%)	
	RRR	sig	RRR	sig
É muito pobre (renda menor que ½ SM per capita)?	1,447	**	1,391	*
É paupérrimo (renda menor que 1/4 SM per capita)?	1,274		2,02	**
Recebe Transferência de Renda?	2,218		1,697	**
É trabalhador?	0,75	**	0,87	*
Tem rendimento estável (com carteira, aposentado e peq. proprietário)?	0,648	**	0,675	**
Tem emprego (tem trabalho contra desempregados e autônomos)?	1,132		0,625	**
Tem emprego protegido (com carteira, pq. prop. e neg. familiar) ?	0,892		0,588	**
Trabalha fora da comunidade	0,734	**	1,07	

Fonte: Entrevistas e trabalho de campo.

Com relação apenas as variáveis de inserção no mercado de trabalho notamos que 'ser trabalhador'⁹ e 'possuir rendimento estável'¹⁰ são características que nas duas cidades estão associadas à ausência de localismo. Em São Paulo e Salvador, pessoas trabalhadoras possuem, respectivamente, 25% e 13% menor propensão a terem redes com alto localismo e pessoas com rendimento estável possuem, respectivamente, 36% e 33% menos chances de terem alto localismo em suas redes pessoais. Já as variáveis 'ter emprego'¹¹ e 'ter emprego protegido'¹² apresentaram resultados significativos estatisticamente apenas em Salvador. Nesta cidade, pessoas que tem emprego e pessoas que tem emprego protegido apresentam propensão 38% e 42% menor, respectivamente, a terem redes com alto localismo. O localismo, portanto, se associa a situação mais precárias de trabalho, reforçando a interpretação já desenvolvida.

Por fim, trabalhar fora da comunidade apresenta relação com localismo, mas diminuindo as chances dele ocorrer, mas apenas em São Paulo. Nesta cidade, pessoas que trabalham fora do local de moradia possuem 27% menos chances de terem redes pessoais com alto localismo, o que pode significar o favorecimento de relações construídas fora do bairro em ambientes institucionais para os indivíduos com atividades profissionais externas ao bairro. Esses resultados têm impactos na relação entre tipo de sociabilidade e localismo, que será visto a seguir e, considerando os resultados anteriores de Marques (2010) que permitem associar padrões de sociabilidade menos locais e menos homofílicos a melhores situações sociais, reafirmam os resultados apresentados na tabela anterior.

iii. Sociabilidade e Segregação

A tabela a seguir sumariza a informação relativa à segregação e aos tipos de sociabilidade. Como se pode notar, segregação e sociabilidade são

⁹ Aqueles que tinham ao menos alguma atividade remunerada, mesmo que irregular ou bico, no momento da entrevista, em relação a desempregados e inativos.

¹⁰ Empregados com carteira assinada, aposentados ou pequenos proprietários.

¹¹ Em contraposição àqueles que estavam desempregados ou possuíam trabalho extremamente precário (autônomos).

¹² Aqueles com mais segurança em não perder o emprego: empregados com carteira, pequenos proprietários e trabalhadores de negócios familiares, em relação aos empregados sem carteira e autônomos.

características relacionadas ao localismo de maneira distinta nas duas cidades. Segregação, ou viver em áreas segregadas espacialmente, é um indicador fortemente correlacionado com redes pessoais de alto localismo apenas em Salvador. Neste caso, aumentam em 97% as chances de o alto localismo ocorrer. Inversamente, viver em local segregado não apresentou significação estatística com localismo em São Paulo. A associação entre segregação e redes com alto localismo apenas em Salvador pode ser compreendida pela diferença de escala entre as cidades analisadas. São Paulo com seu tamanho, sua escala e sua intensidade econômica apresenta uma dinâmica policêntrica (Marques e Torres, 2005), o que impacta menos à associação entre segregação espacial e vulnerabilidade dos indivíduos. Já em Salvador as menores dimensões da metrópole fazem com que segregação tenha alto impacto na precariedade dos indivíduos, já que não existem dinâmicas econômicas e sociais locais, típicas das metrópoles policêntricas.

Tabela 5: Fatores de risco (Relative Risk Ratios- RRR) para trabalho e renda

	São Paulo		Salvador	
	Redes Alto Localismo (60-100%)		Redes Alto Localismo (63-100%)	
	RRR	sig	RRR	sig
Vive em local segregado espacialmente?	0,813		1,974	**
Tem sociabilidade primária?	1,288	**	1,01	
Tem sociabilidade Institucional?	0,475	**	0,987	
Tem número total de esferas alto (4 ou mais)?	0,949		0,706	**

Fonte: Entrevistas e trabalho de campo.

Por outro lado, o tipo de sociabilidade que um indivíduo tem é bastante associado ao localismo em São Paulo, diferentemente de Salvador onde não apresenta relação significativa. Nesse sentido, pessoas com sociabilidade primária, ou seja, aquela centrada na família, nos vizinhos e nos amigos possuem 28,8% maiores chances de ter redes com alto localismo. Inversamente, ainda em São Paulo, pessoas com sociabilidade institucional, ou seja, centrada no trabalho, na igreja, nos estudos e no associativismo possuem

52,5% menos chances de terem redes com alto localismo. Contudo, notamos também que possuir número maior de esferas de sociabilidade se associa ao localismo das redes pessoais apenas em Salvador, mas em sentido inverso – quem tem sociabilidade mais variada tende a ter menor localismo. Em São Paulo o número de esferas não teve qualquer correlação com localismo.

O que esses resultados indicam é que fatores distintos - segregação espacial e variabilidade da sociabilidade em Salvador e tipo de sociabilidade em São Paulo -, estão associados às redes com alto localismo. Ou seja, apesar dos efeitos perversos e similares das redes pessoais com alto localismo na vida dos pobres de ambas as cidades – como discutido anteriormente -, o localismo reforça o isolamento social, mas os fatores associados à existência desse localismo se distinguem entre as cidades, o que nos indica que em contextos distintos são necessárias práticas e políticas diferentes para lidar com problemas aparentemente iguais.

Conclusão

Como vimos, o localismo tende a ser mais elevado entre os indivíduos em situação de pobreza do que entre os de classe média, mas também varia no interior das redes de pobres. Nesse sentido, os dados apresentados aqui confirmam as hipóteses teóricas e os resultados encontrados em trabalhos anteriores que associam maior localismo com situações sociais mais precárias, em especial pelo maior isolamento social a maior homofilia potencial presente em redes mais locais. Os dados mostraram que embora o localismo seja elevado nas duas cidades estudadas, as redes de alto localismo tendem a ser mais presentes em Salvador do que em São Paulo. De forma similar, as duas cidades diferem no que diz respeito às dimensões sociais associadas ao localismo elevado. Na verdade, as diferenças expressam combinações diversas entre os elementos associados à homofilia de um contexto urbano para o outro.

Assim, em ambas as cidades o maior localismo está associado a pobreza mais intensa, a vínculos de trabalho mais precários e à consolidação dos migrantes em seus atuais locais de moradia. Em São Paulo está associado também a ter companheiro conjugal e sociabilidade concentrada em esferas primárias, sendo mais baixo entre quem tem sociabilidade institucional, assim como entre os que trabalham fora do local de moradia. Em Salvador, diferentemente, quem é mais jovem e mais segregado tem localismo mais elevado e quem tem sociabilidade variada tende a ter localismo mais baixo. Em São Paulo, portanto, o localismo reforça as condições de homofilia trazidas pelos padrões primários de relação e por inserções precárias e locais no mercado de trabalho, sendo atenuado pelos padrões de relações construídos em ambientes institucionais. Em Salvador, diferentemente, o localismo reforça a homofilia das redes dos mais jovens, dos inseridos precariamente no mercado e dos segregados, mas é combatida pela variabilidade da sociabilidade.

Bibliografia

- Bearman, R.; Moody, J. e Stovel, K. 2004. "Chains of affection: the structure of adolescent romantic and sexual networks". *American Journal of Sociology*, vol. 110 (1): 44-91.
- Bidart, C. e Lavenu, D. 2005. "Evolution of personal networks and life events". *Social Networks*, 27 (4): 359-376.
- Blokland, T. e Savage, M. 2008. *Social capital and Networked urbanism*. London: Basil Blackwell.
- Briggs, X. 2005. "Social capital and segregation in the United States". In: VARADY, D. *Desegregating the city*. Albany, Suny Press.
- Campbell, K. e Lee, B. 1992. "Sources of Personal Neighbor Networks: Social Integration, Need, or Time?" *Social Forces*, vol. 70 (4): 1077-1100.
- Carvalho, I. e Pereira, G. (org.). 2006. *Como anda Salvador*. Salvador, Edufba.
- CEM. 2004. *Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo*. São Paulo, CEM/Cebrap; SAS/PMSP.
- Crowley, J e Skocpol, T. "The Rush to Organize: Explaining Associational Formation in the United States, 1860s-1920s." *American Journal of Political Science* 45, no.4, 813-829. 2001.
- Degenne, A. 2009. "Tipos de interacciones, formas de confianza y relaciones". *Redes – Revista hispana para el análisis de redes sociales*, Vol. 16 (3): 63-91.
- Esping-Andersen, G. 2000. *Fundamentos sociales de las economías postindustriales*. Barcelona, Ariel.
- Ferrand, A. 2002. "Las comunidades locales como estructuras meso". *Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales*, vol. 3(4), set-nov.
- Grossetti, M. 2009. "Que es una relación social? Un conjunto de mediaciones diádicas". *Redes – Revista Hispana para el análisis de redes sociales*, Vol 16 (2): 44-62.
- Gurza-Lavalle, A.; Houtzager, P e Castello, G. "Representação política e organizações civis: novas instâncias de mediação e os desafios da

- legitimidade.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, p. 43-66, 2006.
- Hedstrom, P.; Sandell, R. e Stern, C. 2000. “Meso-level networks and the diffusion of social movements”. *American Journal of Sociology*, 106 (1): 145-172.
- Heinz, J.; Laumann, E.; Nelson, R. e Salisbury, R. 1997. *Hollow core: private interests in national policy making*. Cambridge, Harvard University Press.
- Jariego, I. 2002. “Tipos de redes personales de los inmigrantes y adaptación psicológica”. ”. *Redes: Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales*, vol. 1(1), jan.
- Kadushin, C. 1995. “Friendship Among the French Financial Elite”. *American Sociological Review*, 60: 202-221.
- Knoke, D.; Pappi, F.; Broadbent, J. e Tsujinaka, Y. 1996. *Comparing policy networks: labor politics in the U.S., Germany, and Japan*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Lotta, G. 2010. *Redes Sociais na Implementação de Políticas Públicas: o caso dos Agentes Comunitários de Saúde*. DCP/Usp: tese de doutorado.
- Marques e Bichir, 2010. *Redes de apoio social no Rio de Janeiro e em São Paulo*. São Paulo: CEM, manuscrito.
- Marques, E. 2000. *Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Revan.
- Marques, E. 2003. *Redes sociais, instituições e atores políticos no governo da cidade de São Paulo*. SP: Ed. Annablume.
- Marques, E. 2010. *Redes sociais, segregação e pobreza*. São Paulo: Ed. Unesp/CEM.
- Marques, E. e Torres, H. 2005. *São Paulo: segregação, pobreza urbana e desigualdade social*. São Paulo, Ed. Senac.
- Marques, E.; Bichir, R.; Moya, E. e Castello, G. 2010. *Social networks, poverty and neighborhoods in two Brazilian cities* In: 17o Encontro da International Sociological Association - ISA - RC21, Gotemburgo, Suécia.

- McPherson, M.; Smith-Lovin, L. e Cook, J. 2001. "Birds of a feather: homophily in social networks". *Annual Review of Sociology*, 27: 415-444.
- Mische, A. 2008. *Partisan publics*. Princeton: Princeton University Press
- Mizruchi, M. and Schwartz, M. 1987. *Intercorporate relations: the structural analysis of business*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pavez, T. 2006. *Políticas públicas e ampliação de capital social em comunidades segregadas: o programa Santo André Mais Igual*. FFLCH, Usp, Departamento de Ciência Política, Dissertação de Mestrado.
- Sako, M. e Murie, A. (org.) 2002. *The spatial dimensions of urban social exclusion and integration*. Amsterdam. www.frw.uva.nl/ame/urbex.
- Small, M. 2007. Racial Differences in Networks: Do Neighborhood Conditions Matter? *Social Science Quarterly*, Vol 88 (2).
- Small, M. *Unanticipated gains: origins of network inequality in everyday life*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- Soares, R. 2009. *Estado, segregação e desigualdade: Um estudo sobre o impacto das políticas de habitação a partir das redes sociais da favela Guinle, Guarulhos*. FFLCH, USP, Departamento de Ciência Política, Dissertação de Mestrado
- Wilson, W. 1987. *The truly disadvantage: the inner city, the underclass and public policy*. University Chicago Press.